Anno 3.º — DOMINGO 2 DE OUTUBRO DE 1910 — N.º 41

CORREIO DE VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 54
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Escrevo-lhe da aldeia, e estou a vê-lo já, meu incorrigivel apologista da vida do campo, a expedir-me um telegramma de felicitações enthusiasticas e invejosas. Mas não serei eu quem lh'o agradeça, porque — perdoe-me v. esta heresia — estou aqui pelos cabellos, como se diria em portuguez vernaculo. Soffri uma decepção inaudita. Você havia-me pintado tudo côr de rosa — e encontrei tudo côr de chumbo. Até o céo é plumbleo. Pelo menos, eu assim o vejo. O ar não me parece puro, ouço fallar em victimas da tuberculose, a campina está transformada em steppe, não ha um fio d'agua crystalina e depara-se a cada passo com um charco. Isto é o inferno, e não o paraizo, de que v. me fallava com tanto carinho e com tanto enthusiasmo, aconselhando-me a ler as *Pupillas do sr. Reitor* e mail-a *Morgadinha dos canaviaes*, d'aquelle bom Julio Diniz que muita gente traz enganada.

A obra d'este adoravel romancista não passa d'uma *blague*. Não se assuste, não me mande prender, não me chame selvagem, mas acredite, meu aborrecido e neurasthenico cidadão, que lhe digo uma grande verdade. Você nunca esteve n'aldeia, mas o Julio Diniz apresenta-lh'a como um eden, falla-lhe da candura da sua gente. da simplicidade e serenidade da sua vida, e v., só de lembrar-se que poderá um dia viver nella, tem a illusão de que o seu espirito está curado. Pois, meu amigo, continúe a ler a *Morgadinha*, mas não caia nunca em trocar a sua cidade pelo campo. Você morria de desespero. Não tenha duvidas sobre isso.

De mais sei eu que toda a sua doença tem esta causa dominante — a maldade humana. Por excepção, v. nasceu para viver, soffrendo pelos outros. A desigualdade social é a sua tortura constante. Fê-lo um rebelde, e v. hoje não respeita preconceitos, revolta-se com a injustiça, sacrificaria a vida pela verdade, e todas as suas aspirações têm este limite — vêr a humanidade feliz.

Na cidade, muito bem o sei, não gosa o seu espirito um momento de socego, porque o seu trabalho de combate e de destruição não póde interrompêr-se. A guerra ao privilegio, ao despotismo, á exploração do animal humano tem de ser permanente, e talvez infidavel. O triumpho definitivo é para muitos uma utopia, e victorias parciaes, se algumas vezes se conseguem, são sempre uma mystificação.

Mas v. precisa de repousar e como ha-de sentir-se bem, só de lembrar-se que na aldeia encontraria em miniatura a imagem d'aquelle mundo que tem sido e será o sonho de toda a sua vida!

Deixe-me ser cruel, repetindo-lhe que v. morreria de desespero. O que o atormenta na cidade? O egoismo, a maldade, o odio, que separam os homens? Pois aqui nesta aldeia, d'onde lhe escrevo, eu ainda não percebi um unico acto que me revele esse amor immenso que ha-de um dia unir no mesmo abraço a humanidade inteira; mas tenho assistido a muitos actos que me convencem de que a maldade é apanagio do homem. A intriga, a inveja, o egoismo, a malquerença, o odio, constituem a trama da vida d'esta terra, que se não fosse isso, havia de ser tão linda.

Não vá v. notar já da minha parte uma contradição que poderia deixá-lo em duvida sobre a sinceridade do que tenho dito.

Eu reconheço que n'aldeia se passa a vida serenamente, que póde chegar-se mesmo a ter a impressão de que se vive no melhor dos mundos, mas é preciso que nos isolemos. Devemos escolher um unico companheiro — a Natureza. Se eu, por exemplo, neste momento, pudesse esquecer-me de que não vivo sosinho sobre a terra, seria feliz, vendo ao longe uma vela branca d'um lindo barco que vem rio abaixo, ouvindo a voz maguada d'uma andorinha que está a custar-lhe deixar-me o beiral do telhado, e indo colher ao campo as mais lindas flores que lá houvesse, que lindas todas ellas são, para fazer uma grinalda para a formosissima mulher que os meus olhos ainda não viram, mas já o meu coração adivinhou. Seria feliz, apenas emquanto vivesse a sós com a Natureza, emquanto, sonhando embora a cada momento com a mulher por que a minha alma anceia, não a encontrase e não a possuisse.

Mas — v. sente-o mais intensamente do que eu — o homem está condemnado a viver em sociedade, e uma legitima aspiração o domina e o tortura — ser feliz. Ha almas priviligiadas entre almas perversas. Emquanto uma d'aquellas faz o bem, milhares d'estas praticam o mal. Tem sido sempre assim, e assim continuará a ser sempre.

Já houve tempo em que se suppoz o homem primitivo bom, puro, generoso. Se assim fôsse, quanto mais o homem d'hoje estivesse atrazado no caminho da civilisação mais garantias daria de pureza e de bondade. O selvagem actual teria no maximo grau (relativamente, é claro) estas virtudes; no homem do campo seriam ainda muito evidentes, devendo estar quasi apagadas no homem civilisado.

Mas esse tempo já lá vae ha muito, embora Julio Diniz, que morreu, póde dizer-se, outro dia, ainda pareça d'elle. Do que se passa entre os selvagens sei pouco, e este pouco mesmo apenas atravez dos livros. Mas não errarei, se disser que não é o amor do proximo o sentimento que os domina, e a generosidade, a sua virtude por excellencia. Com horror me lembro agora de que alguns chegam a comer-se uns aos outros, embora isto não deva ter para o caso grande importancia, se ligarmos credito á explicação que do facto dá Max Nordau. Mas o habitante das aldeias conheço-o bem, por experiencia propria. Tenho sido victima dos seus defeitos e não me resta a mais ligeira esperança de ser compensado pelas suas virtudes.

Creia-me

Seu do coração,

A. B. C.

20-9-910.

NOTAS LIGEIRAS

IGNORANCIA

O sr. Joaquim Leitão, homem de letras e de... tretas, que ainda não ha muito tempo nos fallou d'uma larga obra que traz *in mente* sobre a terra portugueza, encarada sob todos os aspectos, principia pelas seguintes palavras o seu artigo *Soterrados*, no *Correio da Manhã*, de segunda-fera:

«Numa quasi obscura povoação d'Aveiro, o Eixo, o traçado da linha ferrea do Valle do Vouga lá deixou mais um sulco de sangue».

Ora, tenha paciencia, sr. Joaquim Leitão, mas ha-de permitir-nos que lhe digâmos que... a ignorancia é muito atrevida. Então o sr. anda ha uns poucos d'annos (foi o sr. quem nolo affirmou) a visitar o paiz para sobre elle escrever uma obra collossal, que ha-de dar-lhe mais nome e mais gloria que os *Lusiadas* deram ao Camões, e ainda chama a Eixo uma terra *quasi obscura?* Pois o sr. ignora que foi aqui, nesta abençoada patria dos avós do José Estevão, que o sr. D. Fernando, de pitoresca memoria, realisou esponsaes com D. Leonor, e que o sr. José Luciano se lavou do peccado original?

Bastaria só isto, sr. Leitão, para Eixo ser uma terra notavel, mas nós aconselhamos-lhe para maior elucidação, esta coisa comesinha: leia, ao menos, o Pinho Leal que qualquer menino de instrucção primaria conhece.

E não pense que fallamos por *chauvinismo*, mas convença-se, embora isso lhe desagrade, que as nossas palavras significam apenas amor á verdade e respeito pela historia.

UM ANNO

Lembram-se, talvez, os nossos leitores de termos noticiado que o sr. Augusto Martins Castendo, profissional de varios officios e amador de muitos outros, concertára o relogio da torre da egreja d'esta freguezia, garantindo-o por 12 mezes, que terminaram no dia 27, sem ser preciso, crêmos nós, novo concerto.

Recebeu a Junta de Parochia o compromisso do sr. Castendo muito incredulamente, e só por uma questão de economia se resolveu a acceitar os seus serviços. Mas o afamado artista está vingado, e, positivamente, não achamos de mais que a Junta de Parochia o compense d'algum modo, interessando-se, por exemplo, pela sua nomeação para mestre d'obras da Casa Real, que, por lapso, este jornal já noticiou, ha quasi um anno, fazendo-lhe de certo nascer agua na bocca...

GAZETILHA

Por um descuido dos srs. typographos, aliás facilmente explicavel, a gazetilha do ultimo n.º sahiu assignada por *El-Vidalonga*, quando era da lavra de *A B C*. Contrariou-nos bastante este equivoco, principalmente porque poderia prejudicar os creditos do inimitavel gazetilheiro.

Desculpe-nos *A B C* esta franqueza e *El-Vidalonga* a involuntaria falta que os srs. typographos juraram não repetir.

GAZETILHA

O' lindas damas gentis
Deste burgo *duma cana*
Que os preceitinhos seguis
Da Moda cruel, tyranna,
Benzei-vos co'a mão *canhota*;
Que temos caso de nota,
O' lindas damas gentis.

Segundo li nas gazetas
— Esta não lembra ao diacho —
Tereis, ó damas dilectas,
De trazer na perna, em baixo,
Bem cingido ao tornozêlo
O relogio fino e bello;
Segundo li nas gazetas.

Obriga a certa gymnastica
Das pernas e cousas mais
Essa moda enthusiastica.
Cachopas, não vos riaes
De moda tão agradavel;
Hygienica, saudavel,
Obriga a certa gymnastica.

Ha-de ser cousa int'ressante
Nas salas, ruas, passeios,
Qualquer menina galante,
Por entre doces meneios,
A perna alçar de roldão
P'ra vêr as horas que são!
Ha-de ser cousa int'ressante!

Mais depressa ou de vagar,
Toda a dama dum ranchinho
Do relogio ha-de puchar
Levantando o seu pésinho
A'quella precisa altura
De horas vêr a creatura
Mais depressa ou de vagar.

Pulai d'alegria, ó moços
E murchos velhos até
Que remoeis *padre-nossos*
Entre a *borracha* e o *rapé!*
Agora, das raparigas
Podeis vêr, sem custo, as ligas!!
Pulai d'alegria, ó moços!

Matrônas de pança tal
Que lembraes grande tonél,
E meninas cujo mal
E' ter banhas a granel,
Lamento bem cá do fundo
Vosso desgosto profundo,
Matrônas de pança tal.

Como haveis de as horas vêr,
Ou dar ao relogio corda,
Se não vos podeis mexer,
Qual suino cuja engorda
Não póde passar além?
Com franqueza, não sei bem
Como as horas haveis de vêr.

Se *El-Vidalonga* servir
P'ra ajudar-vos com geitinho
Em tal cousa, é só pedir!
El-Vidalonga é magrinho
E não lhe custa isso nada!
Escusaes de ter creada
Se *El-Vidalonga* servir.

Setembro de 1910.

EL-VIDALONGA.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia déve ser dirigida para o director do jornal — R. de S. Miguel, 36 — Porto.

NOTICIARIO

Grammatica elementar da lingua portugueza—A imprensa tem-se referido, com merecidos elogios, á *grammatica elementar* que o nosso presado amigo e conterraneo sr. Jayme de Mello Lima acaba de publicar.

Transcrevemos em seguida o que sobre ella escreveu o *Primeiro de Janeiro:*

Editado pela livraria Portuense dos srs. Lopes & C.ª, acaba de ser exposto á venda—tendo o seu autor a amabilidade de nos offerecer um exemplar que muito agradecemos— um compendio da «Grammatica elementar da lingua portugueza» do snr. J. de Mello Lima, conhecido e distinto professor de ensino livre, e cuidadosamente elaborado em harmonia com o programma d'instrucção primaria.

Pela methodica disposicão e clareza da materia, pareceu-nos que o autor conseguiu plenameute o *desideratum* a que allude no prefacio. Isto é, a melhor maneira de suavisar á creança a ardua tarefa d'estudar grammatica, e que consiste em fazer incidir esse estudo sobre exemplos successivos e variados e d'elle deduzir as regras, imprimindo-lhe ao mesmo tempo o caracter «de uma palestra agradavel do professor com os discipulos.»

Parece-nos consistir n'este methodo, aliás plenamente realisado no compendio em questão, a melhor forma de facilitar o estudo da grammatica portugueza.

Por isso muito se recommenda á attenção de professores e alumnos o prestimoso livro do sr. Mello Lima.

Premio pecuniario — E' a 16 de Outubro proximo, dia da abertura solemne do nosso Lyceu que deverá ser entregue, e pela primeira vez depois da sua instituição, a cada um dos dois alumnos do mesmo Lyceu que, na frequencia e exame da 5.ª classe mais se distinguiram, no anno lectivo de 1909-1910, o premio de 30$000 reis, denominado: *Premio Governador Civil Nicolau Anastacio de Bettencourt,* instituido pela Caixa Economica d'Aveiro na sessão commemorativa do quinquenario da sua fundação, da iniciativa e esforços do então Governador Civil do districto, Nicolau Anastacio de Bettencourt.

Os laureados estudantes são: Francisco Ferreira Neves, natural d'esta cidade, filho de José Ferreira Neves, e José Marques da Silva, natural da Branca, concelho de Albergaria-a-Velha, filho de Antonio Marques da Silva.

Dando esta noticia, é-nos gratissimo felicitar os distinctos academicos e suas ex.mas familias.

Estudantes castigados—Por offensas á moral, praticadas dentro da propria aula, foram condemnadas pelo conselho escolar do Lyceu de Aveiro, á pena de exclusão por um anno de frequencia em todos os lyceus, os srs. Mario de Campos Ceia e Manuel dos Santos Oliveira, alumnos de 2.ª classe, ficando o primeiro sem o direito de requerer exame e o segundo com esse direito.

Festividade—Realisa-se hoje, no visinho logar do Pinheiro, a festa a S. Miguel, que este anno attinge desusado brilho. Ha missa solemne, subindo ao pulpito o digno capellão do Regimento de Infanteria 24, sahindo em seguida uma pomposa procissão, em que se incorporam as philarmonicas de S. João e Angeja. A' noite, devem tocar as mesmas philarmonicas no arraial, que costuma ser muito concorrido.

Consorcios—Realisou-se no dia 26, na egreja de Segadães, o enlace matrimonial do sr. Alberto Leal com a sr.ª D. Maria Celina, da Fontinha.

Os noivos são dignos das maiores felicidades pelas suas primorosas qualidades de espirito e de coração. Sinceramente lh'as desejamos.

— Tambem se realisou, no ultimo domingo, na egreja de S. João de Loure, o casamento da sr.ª Margarida Marques Fernandes com o sr. Thoribio d'Almeida, ambos do logar de Pinheiro.

Enviamos-lhes muitos parabens e desejamos-lhes as maiores venturas.

Centro republicano—Deve inaugurar-se hoje, em Cacia (Aveiro) um novo centro republicano, ao qual ficará annexa a escola elementar creada pela respectiva Commissão Parochial. Devem fazer uso da palavra os srs. Dr. Antonio Leitão, advogado e professor da Escola Normal de Coimbra, e Alberto Souto, estudante da Universidade.

Nomeação—Foi nomeado parocho d'uma freguezias do concelho de Mafra o nosso amigo e illustrado sacerdote sr. padre João Roque Ferreira, natural de Fermentellos.

Cumprimentamo-l'o, desejan-lhe muitas felicidades.

AS MINHAS CARTAS

VIII

Impressões do Minho

(CONTINUAÇÃO)

Tão aprazivel e sem incidente tinha decorrido a viagem que nem sombras de fadiga sentiamos! E todavia foram quasi oito horas de carro!

Fui hospedar-me em casa do meu amigo Sebastião José Pereira — proprietario do Hotel Lealdade —onde recebi durante tres dias o agasalho mais franco e carinhoso.

Aqui lh'o deixo consignado, profundamente reconhecido.

Cabeceiras é uma villa encantadora, apesar de pouco movimentada. A sua poesia deriva d'aquella bella paisagem suburbana, do meio da qual alvejam as lindas casas minhotas.

Tem algumas habitações ricas, todas rodeadas de arvores, de viço, de frescura!

O seu foral foi-lhe dado por D. Manuel, em 1514, e o seu monumento mais antigo é o vetusto *Mosteiro de Refojos*, cuja fundação data de seculos, e onde, por largos annos. estiveram frades.

A antiquissima Cabeceiras é, tambem, patria de fidalgos.

Eram de lá Antonio e Gonçalo Pereira Morramoque, senhores de Basto, ao primeiro dos quaes escreveu Sá de Miranda uma carta, quando elle partia para a India, a lamentar que a ambição de gloria e as riquezas do Oriente já attrahissem os fidalgos provincianos, corrompendo-os.

Sá de Miranda viveu no logar da Barroca, junto a Cabeceiras de Basto, depois da sua retirada da côrte.

Os arrabaldes da villa são cheios de poesia, são cheios de verdura, como ella !

A videira colleauda em volta dos carvalhos, dos choupos, das cerejeiras, das pereiras, etc., e os caminhos todos tapetados de vegetação, todos verdes, são d'um magico encanto!

Os tres dias da minha estada lá, gasteios no club lendo jornaes; e em passeios colhendo *myosotes, violetas silvestres* e *novelos da China*, e vendo o que a villa tinha de mais importante: a Escola Agricola, de Gondarem; a Escola Secundaria, agora extincta, o Hospital, etc.

Junto ao Mosteiro fica o tribunal da comarca, as repartições do concelho e a egreja da freguezia, e tudo isto na Praça do Barjona de Freitas. Na mesma Praça fica tambem a estação telegrapho-postal.

A villa tem tambem lindos bairros como o da—Ponte de Pé —por onde passa o *Támega*.

Morava neste bairro a mulher mais profundamente sympathica e delicada com quem ainda hei tido o prazer de conversar! Chamarei bellas a mulheres assim!

Ha, em Cabeceiras, uma feira mensal, no ultimo domingo de cada mez, e um mercado annual, a feira de S. Miguel que dura 15 dias, e é a melhor de todo o Minho.

Vão passados tres dias. Depois de termos assistido, na noite anterior, á representação do drama —*El-rei mata sete*—no theatro da terra; na segunda-feira, ás nove da manhã, photographamo-nos com a familia Pereira, e feitos os agradecimentos e despedidas, partimos de Cabeceiras, com destino a Fafe.

Agora o caminho não é tão lindo como de Braga a Cabeceiras. Os montes são mais escalvados e as habitações mais humildes.

Apenas parámos em Rossas para o cocheiro trocar malas, pois o carro era do correio.

Ao meio dia estavamos em Fafe. Ao entrar na villa logo se nota progresso florescente. Casas novas, de typo moderno e magestoso e habitantes em quem se adivinha actividade.

Esta villa cujo foral lhe foi dado em 1513, por D. Manuel, tem um lindo *Jardim Publico, Misericordia, Hospital, Escolas etc.* As suas ruas são alinhadas e conservam-se em estado de limpeza, pouco vulgar em villas.

A comarca de Fafe attrae o viajante, quer pela frescura dos seus edificios, quer pelas commodidades que alli se podem encontrar.

A esta terra, cujo nome teve origem em D. Fafe Luz, nobre dos tempos do Conde D. Henrique, póde-se augurar prospero futuro, para o qual muito concorrerá a sua ligação com Guimarães, pela linha de ferro.

Pouco antes das tres da tarde d'essa segunda-feira, 1 de Maio, dirigimo-nos á estação do caminho de ferro, a comprar bilhetes para o Porto.

Se Cabeceiras nos prendeu o espirito e captivou o coração, Fafe deixou-nos saudades.

Eram tres horas e tanto quando tomamos o comboio a cuja janella gosamos bellas paisagens até Guimarães.

As estações do caminho de ferro entre Fafe e Guimarães não são muito movimentadas visto que a linha ainda não passa de Fafe mas é possivel que o venham a ser.

O comboio, sempre por entre verduras deixa-nos observar do postigo das suas janellas aquelle bello tapete verde-negro, formado pela copa das arvores!

«O Minho é o jardim de Portugal».

Junto a Guimarães o quadro tem encanto mais poderoso! Aquelles edificios sumptuosos branquejam por entre o arvoredo, fidalga e poeticamente, arrebatando-nos o espirito para as regiões do Bello! E a velha Guimarães lá apparece, negra interiormente, mas rodeada de galas que respiram poesia.

Deixando agora o comboio vamos passear pelas suas ruas.

Não iremos vêr o castello onde, é tradição, esteve presa D. Thereza, depois da batalha de S. Mamede e onde está uma corrente de ferro chumbada a um penêdo que, referem, lhe serviu de cadeia.

D. Thereza, parece que foi mandada prender logo depois da batalha de S. Mamede a 24 de Junho de 1128, pelo seu filho D: Affonso Henriques, e d'aqui mandada para o Castello de Nossa Senhora do Pilar, junto á Povoa de Lanhoso, de que já fallamos.

Junto do Castello de Guimarães, onde Affonso Henriques viveu até aos 19 annos, ficam as ruinas do palacio do Conde D. Henrique e de D. Thereza.

A fundação de Guimarães é anterior alguns seculos á fundação da monarchia.

(Continúa)

Paulo Stacio.

SECÇÃO LITTERARIA

BALADA DA NEVE

Il pleure dans mon cœr
Comme il pleut sur la ville.

VERLAINE.

A Vicente Arnoso

Batem leve, levemente
Como quem chama por mim...
Será chuva? Será gente?
Gente não é certamente
E a chuva não bate assim...

E' talvez a ventania;
Mas ha pouco, ha poucochinho,
Nem uma agulha bolia
Na quieta melancolia
Dos pinheiros do caminho...

Quem bate assim levemente
Com tão extranha leveza
Que mal se ouve, mal se sente?...
Não é chuva nem é gente,
Nem é vento com certeza.

Fui vêr. A neve cahia
Do azul cinzento do céo,
Branca e leve, branca e fria...
— Ha quanto tempo a não via!
E que saudades, Deus meu!

Olho atravez da vidraça.
Poz tudo da côr do linho.
Passa gente e quando passa
Os passos imprime e traça
Na brancura do caminho.

Fico olhando esses signaes
Da pobre gente que avança
E noto, por entre os mais,
Os traços miniaturaes
D'uns pésitos de creança...

E descalcinhos, doridos...
A neve deixa inda vêl-os
Primeiro bem definidos,
— Depois em sulcos compridos,
Porque não podia erguel-os!

Que quem já é peccador
Soffra tormentos, emfim!
Mas as creanças, Senhor,
Porque lhes daes tanta dôr?!...
Porque padecem assim?!...

E uma infinita tristeza
Uma funda turbação
Entra em mim, fica em mim preza,
Cáe neve na natureza...
— E cáe no meu coração.

(Do *Luar de Janeiro*)

AUGUSTO GIL.

Os noivos

(CONTINUAÇÃO)

— Isso prova apenas que teve o talento de acertar duas vezes, por que não ha fórma de presentir que não fosse inspirada por Carminho!

— Oh! A vaidade d'ella dir-lhe-ha que sim! E todavia, que differença, que mundo, que abysmo entre o olhar d'estas duas mulheres! A minha estrella, que ainda é mais cassoista do que funesta, trouxe-me a Cintra antes-d'hontem. Encontrei em Collares Gonçalo Dantas e sua mulher. Eu trazia o ouvido enfastiado dos elogios com que Lisboa tem formado á noiva um concerto de louvores; isto devia ter um resultado menos propicio, e assim foi, —a noiva já tem album! Aqui está para que serve a admiração posta em musica, cantada em redor da belleza pelas vozes de uma população! Cintra em março e sob as influencias d'um album, é uma coisa caustica; vou partir!

— Hoje mesmo?

— Dentro de instantes. Aconselho-lhe que siga a mesma ideia; dou-lhe conducção; venha commigo para Lisboa!

— Não. Cheguei hontem, e conto ficar dois dias.

— Que distancia entre nós! Eu fujo do album: e o meu amigo fica... por elle!

Pouco tempo depois, Carlos Eduardo partiu para Lisboa, encarregando-me de fazer as suas despedidas aos noivos, que estavam recolhidos ainda. Acompanhára-o até ao portão; e elle disse-me apenas, erguendo a vista para o *hotel:*

— Deixo sempre este quarto com saudade! E' pena que Cintra não esteja... em toda a parte!

Fiquei um instante a olhar o caleche que o conduzia. Uma camelia cahiu a meus pés. Fui a olhar, e senti fechar uma janella. Apanhei a camelia e levei-a para cima.

— De quem é esta flôr, rapaz? perguntei a um creado.

— Isso ha-de ser d'esse senhor, que foi para Lisboa e que trouxe hontem uma camelia de Monserrate.

— D'este senhor...

Ninguem estava levantado ainda no *hotel* senão o creado e eu. Eram sete horas, estavamos em março, e o frio convidava apenas a madrugar algum pobre diabo, poeta ou folhetinista, que goste até de admirar a natureza, constipando-se.

Fui para o meu quarto, puz a camelia num copo e agarrei num livro que andava a lêr.

Era a *Apologia da revolta d'Eva.*

O auctor admitte como exacto o que diz o Genesis, da desobediencia da primeira mulher; todavia, longe de reputar isso um crime, demonstra-nos com uma precisão admiravel que a sua rebellião tinha sido ao mesmo tempo um acto de coragem, de dedicação e de sacrificio! Era um verdadeiro livro para se lêr em Cintra!

«A primeira de todas as revoluções, de que o genero humano conserva memoria,—dizia o livro—essa revolução symbolica e sagrada de que nasce no andar dos tempos todo o progresso do homem e das sociedades, vêmo-la apparecer nas Escripturas sob o nome e imagem d'uma mulher; o Todo-Poderoso disse aos conjuges, fracos e ignorantes, mas felizes e immortaes:—«Não haveis de comer o fructo da arvore da sciencia, ou morrereis!» Resignou-se o homem a esta inactiva felicidade, mas a mulher, escutando em si mesma a voz do espirito da liberdade, acceitou o desafio, preferindo a dôr á ignorancia, e a morte á escravidão. Sem que lhe importe o perigo, arranca com pequena mão ousada o fructo prohibido, e leva comsigo o homem nesta nobre rebellião. Banidos depois e condemnados á morte, Eva ficou sempre, todavia, aos olhos da sua triste e orgulhosa posteridade, a personificação gloriosa e maldita da independencia do genero humano.»

NOTICIAS PESSOAES

Partidas e chegadas

Com a sua esposa, retirou para Lisboa, na quinta-feira, o sr. Augusto Ribeiro. Acompanharam-no até á estação d'Aveiro a sua sobrinha, a sr.ª D. Anna de Carvalho, e os seus sobrinhos e nossos presados amigos srs. José Antonio de Carvalho Junior e Paulo Moreira.

—Retirou para o Porto, acompanhado da sua extremosa esposa, o nosso presado amigo sr. João Baptista Pereira Saldanha, que esteve aqui perto d'um mez de visita á sua familia.

—Regressou ao Porto, acompanhado de sua esposa, o nosso presado amigo e director sr. dr. Alfredo Coelho de Magalhães.

—Tambem seguiu para a mesma cidade o nosso querido amigo e collaborador sr. Angelo Vidal.

—Com sua ex.ma esposa, regressou a Pernambuco (Brazil) o sr. Joaquim de Lima Amorim, socio da importantissima casa commercial que gira sob a firma Mendes, Lima & C.ª.

Desejamos o s. ex.as boa viagem e as maiores felicidades.

Estadas

Está na Costa-Nova, com os seus filhinhos, a sr.ª D. Izaura de Magalhães, esposa carinhosa do nosso bom amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães.

—Por lapso, não demos, no ultimo numero, a noticia de que estiveram aqui, de visita ao nosso amigo e importante proprietario e capitalista, sr. José Liborio, o illustre escriptor sr. dr. Rodrigues Davim e sua ex.ma esposa.

—Estiveram na 3.ª feira no Bussaco, onde foram assistir á commemoração do centenario da guerra peninsular, os nossos conterraneos srs. José Antonio de Carvalho Junior e esposa, Sebastião Pereira de Figueiredo, João de Pinho Brandão, Mario de Pinho, Manoel Rodrigues Vieira, Manoel Marques Ferreira, Sebastião Gomes de Magalhães, Clemente Fernandes da Silva e esposa, Edmundo Coelho de Magalhães e muitos outros de cujos nomes nos foi impossivel tomar nota.

—Estão na Costa-Nova, a uso de banhos, os filhinhos do sr. Francisco Serra, d'Algés.

—Com a sua esposa e filho, encontra-se aqui o nosso amigo sr. José Martins de Pinho, digno empregado da Inspecção Escolar do Porto.

Doentes

Está bastante doente o sr. João Marques Mostardinha, de S. Bento (Oliveirinha). Fazemos votos pelas suas melhoras.

—Encontra-se quasi restabelecido, o que sinceramente estimamos, o sr. dr. José Pereira Lemos, abalisado clinico, d'Alquerubim.

—Tambem tem passado incommodado, encontrando-se, felizmente, em via de restabelecimento, o nosso amigo sr. Manuel dos Santos Ferreira, importante proprietario na Povoa do Forno (O. do Bairro).

—Passa bastante incommodada a sr.ª D. Maria Elisa Marques cujas melhoras sinceramente desejamos.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 20

(RETARDADA)

O correspondente do *Democrata* em S. João põe em duvida a sinceridade da promessa que os politicos locaes fizeram d'um chafariz para o logar de Pinheiro. Sem contestação, têm os pinheirenses direito, como qualquer outro povo, a beneficios e melhoramentos de utilidade publica, e soceguem, porque sem chafariz não hão de ficar. Ou não tivessemos á porta as eleições de camara...

Não será mesmo para extranhar que, por graça de Deus que não dos homens. appareça um chafariz junto á residencia de cada eleitor.

Se assim acontecer, não teem razão os de S. João para ficar com inveja aos seus visinhos. Pois não temos nós (fallo por mim e pelos meus conterraneos) tambem um chafariz... promettido. além do do cruzeiro que, aliás, não deve favores a ninguem? E, como remate de tantos melhoramentos, não temos um cemiterio... para fazer?

Não se póde contestar que S. João deve muitos favores á politica e mais um lhe ficará a dever dentro em breve.

Passa-nos, não tarda muito, o caminho de ferro do Valle do Vouga á porta. Estava naturalmente indicado um apeadeiro junto á ponte, mas a Companhia não fez caso d'isso. Pois os influentes locaes não descançam: pedem, insistem, réclamam, e, como fructo do seu trabalho, parece-nos já certo, pelo menos, termos de apear-nos na Ponte da Rata, para depois fazermos como o caranguejo...

Convençam-se os meus conterraneos de que da politica nada devem esperar. Unam-se, como um homem só, e peçam ou exigam o que lhes parecer de justiça. Sobre o apeadeiro, por exemplo, não ha remedio senão fazer quanto antes uma representação. Ahi fica o alvitre. Muito estimaria que fosse aproveitado.

Joaquim Nunes Baeta Junior.

—=—

Idem, 29

Vindo de S. João de Loure, chegou a esta cidade o sr. Manuel Lopes que foi cumprimentado nas estações de Santarem e Campolide por muitos dos seus amigos.

—No mesmo comboio, vieram de Canellas o sr. José Maria da Silva e sua esposa, a sr.ª D. Laura da Silva Mortagua, e a menina Rosalina Dias da Silva que tambem eram esperados por muitas pessoas das suas relações, entre as quaes estavam os srs. Antonio Marques da Silva, João da Costa, Manuel Mortagua e sua esposa, e quem escreve estas linhas.

—Estiveram nesta cidade, de passagem para Eixo, aonde foram passar as ferias, os dilectos filhos do sr. Francisco Serra, residente em Algés.

—O ultimo numero do nosso *Correio do Vouga* foi lido com muito interesse pela colónia de S. João de Loure na capital, desejando todos ver a correspondencia da Costa de Vallado em que *Juvenal* tece as mais lisongeiras referencias á nossa sempre querida mustca «velha». Pela minha parte, foi com enternecida alegria que vi a admiravel philarmonica justamente apreciada, e é com sincero reconhecimento que mais uma vez agradeço a *Juvenal* a sua captivante gentileza.

—Correu, ha dias, pela cidade, o boato de que o vapor Lafranc trazia alguns passageiros atacados de febre amarella. As auctoridades maritimas, mal o vapor entrou a Barra, ordenaram que os passageiros recolhessem ao Lazareto onde estiveram sete dias.

—O tempo continúa chuvoso o que já está a prejudicar a vindima —*Melicias.*

Ouca, 25

Continúa a ser o assumpto do dia o resultado das eleições neste concelho, onde coube a victoria ao partido progressista, o que, aliás, causou grande surpreza a muita gente. Com a scisão do grupo do sr. Mendes Correia e amigos, todos suppunham que o partido progressista havia morrido neste concelho, mas, afinal, parece que aconteceu precisamente o contrario.

Para as eleições da camara a lucta apresenta-se muito mais renhida. Trabalha-se já, por toda a parte, com muita actividade. Calcula-se que vença o partido progressista, apesar de aos amigos do sr. Mendes Correia lhes correr o vento de feição, visto terem o seu partido no governo.

Não tenho eu por habito metter-me em tricas politicas. Por isso o que eu sei não é nada, mas o que ouço dizer é muito. Falla-se já em violencias, em illegalidades, em compra de votos, afinal em muitas coisas que são tão antigas como as eleições... Ora, passemos adeante, porque este assumpto é pouco da minha predilecção.

—No proximo domingo, terá logar a festividade em honra de Nossa Senhora do Rosario e de Santo Antonio que deve constar de missa solemne a grande instrumental pela orchestra da reputada philarmonica de Fermentellos, sermão pelo rev. Gregorio, do Covão do Lobo, procissão que percorrerá as ruas do costume, e, á noite, arraial, tocando a referida philarmonica ao despique com outra que ainda não sei qual será. Em summa, deve ser uma festa á altura do brio e boa-vontade dos respectivos mordomos. Depois darei noticia da maneira como tudo correr.

Neptuno.

—=—

Alquerubim, 27

Em casa de seus tios, o sr. commendador João Correia de Mello e esposa, falleceu a sr.ª D. Olympia Basilia de Mello e Sousa, casada com o sr. dr. Alexandre de Sousa e Mello, desembargador da Relação do Porto. A extincta, que foi educada e creada com os tios, em companhia de quem sempre viveu, deixou na orphandade quatro creanças, tendo a mais nova apenas dez dias.

—Retiraram para a sua casa da Quinta da Feiteira, em Bemfica, (Lisboa), a sr.ª D. Virginia da Silva Ribeiro e sua neta, D. Maria Augusta Ribeiro que aqui foram hospedes de seu genro e tio sr. dr. João Dias Pereira da Graça.—C.

Por ter chegado tarde ao nosso poder não podemos publicar hoje uma carta que recebemos do nosso amigo sr. Joaquim de Vasconcellos, residente em Lisboa.

A ESMOLA

Tão velho, tão triste, e coberto apenas de andrajos, um pobre homem mendigava, sentado á beira de uma estrada.

Passou um individuo muito rico e seguido de um cortejo extraordinario e luxuoso.

— Caridade, caridade, senhor. Outr'ora tive cofres cheios de dinheiro e pedrarias. Agora não possuo nem um centil. Uma esmola pelo amor de Deus!

O rico que passava, enternecido, deu uma moeda de oiro ao pobre homem.

— Obrigado, meu rico senhor. Graças a esta moeda, sonharei com a minha opulencia de outr'ora, e dar-me-eis assim a illusão das riquezas desapparecidas.

Um soldado em uniforme de gala passou depois.

Uma escolta o seguia, tocando marchas alegres e triumphaes em trombetas heroicas; e elle levava na mão direita ramos de loureiro, que tremiam gloriosamente no ar.

— Caridade, caridade, senhor! Outr'ora fui um altivo vencedor, todo cercado por um tumulto de acclamações, e a deusa dos triumphos agitava estandartes sobre a minha cabeça.

O glorioso que passava deu uma folha de loiro ao pobre homem.

— Obrigado, illustre senhor. Graças a esta folha de loiro, sonharei com as victorias de outr'ora e dar me eis assim a illusão das batalhas esquecidas.

Uma lindissima rapariga de dezeseis annos passou com o seu namorado. O mendigo disse, sacudindo a cabeça:

— Outr'ora amei e fui amado por bellas moças loiras como sois, pequena, e cujos labios eram tão frescos como os vossos. Agora velho e feio, já não conheço o perfume do beijo que poisa, como uma borboleta, sobre uma flôr.

Mas não pediu esmola.

A linda moça que passava commoveu-se.

— Com permissão do meu namorado, disse ella ao mendigo, farei á tua bocca triste a esmola de um beijo quente.

E o namorado, com misericordia, disse:

—Permitto.

O mendigo, porém, respondeu:

—Não, não. Nada quero dos teus labios, creança que passas! Uma moeda de oiro ou uma folha de loiro, podem fazer renascer a illusão das opulencias e das victorias. Mas um beijo quente em velhos labios não traz amor. Os corações extinctos são mortos que não resuscitam.

«Parte; parte depressa, creança. Que eu não ouça a tua voz, o teu riso, porque o que ha de mais cruel para um morto adormecido sob a relva fanada, é ouvir as caricias de duas pombas no cypreste de sua sepultura.

Catulle Mendés.

Leituras amenas

Predio de papel

Já se tinha construido na Hollanda, havia alguns annos, um restaurante de papel, mas ninguem tinha ainda, pelo menos que nós o saibamos, tentado construir um predio inteiro de tres andares, inteiramente de papel e só pelo prazer de realisar o que os francezes chamam *tour de force*.

Um fidalgo russo, possuidor de bonita fortuna, acaba de fazer edificar na sua propriedade de Svinowka, na Polonia, uma grande casa de campo, na qual não empregou nenhum outro material senão o papel.

A casa mede 45 metros de comprimento, 8 de largo e 24 de altura. Compõe-se de 16 quartos, 2 salões, casa de jantar e cosinha.

O architecto que a edificou é de opinião que ella ha de durar mais do que se fosse feita de cantaria.

Não só as paredes, como tambem o telhado e os sobrados são de papel endurecido com uma consistencia e composição particulares.

Ainda mais: a maior parte da mobilia, camas, cadeiras, poltronas, sophás, estantes, mesas e armarios são tambem de papel.

Esta casa, unica na sua especie e que é, além d'isso, confortavel e aseptica, custou 80:000 rublos ao seu proprietario.

Reclamos japonezes

Os japozes estão muito adeantados na arte do reclamo, a julgar pelos seguintes exemplos colhidos em diversos annuncios de diversas casas commerciaes de Yeddo:

—As nossas mercadorias são expedidas com a rapidez de uma bala de canhão.

—O papel que vendemos é tão resistente como a pelle do elephante.

—O nosso vinagre é mais amargo do que o fel ou do que as palavras de uma sogra.

Tudo o que imprimimos tem a clareza do crystal de rocha, e os textos escolhidos por nós são tão delicados e encantadores como a voz de uma rapariga de vinte annos.

—Entrae nas nossas salas de venda; sereis acolhidos pelos nossos empregados com a amabilidade de um pae que deseja casar sua filha sem dote.

—=—

Uma creada esperta:

—Catharina, que tem o menino que está a tossir tanto?

—E' que por engano, em vez do remedio dei-lhe uma colher de tinta.

—Ai que desgraça! Vae já chamar o medico.

—Não se afflija a senhora, porque lhe estou a metter pelas guelas uma folha de mata-borrão.

—=—

No tribunal:

—Accusado, confessa então que matou a sua sogra?

—Sim, senhor juiz, mas não foi minha a culpa, foi de minha mulher.

—De sua mulher!

—Sem duvida; se ella fosse orphã, já nada d'isto tinha acontecido.

—=—

No tribunal. O advogado de defeza para os jurados:

—Digam-me senhores jurados, se no rosto do meu cliente não se vê impressa a honradez?

Um jurado em voz baixa:—Mas com muitos erros typographicos.

MERCEARIA
DE
FELICIANA AMELIA DOS SANTOS SILVA
EIXO

Além de todos os artigos de mercearia, têm á venda grandes sortidos de fazendas, das mais variadas qualidades, e calçado dos melhores fornecedores para homem, senhora e creança.

— E' singular! disse eu interrompendo a leitura, a scismar, e volvendo os olhos para a camelia: é realmente singular que Carlos Eduardo trouxesse hontem esta camelia de Monserrate!

O livro estava-me incommodando. Fechei-o. Que me dizia elle, por fim de tudo, senão que sem o erro de Eva procurar-se-hia debalde a causa das inquietações da mulher? O que vinha elle a dizer-me senão que o espirito da liberdade é immortal, e que a revolta, essa Eva perpetuamente moça, prefere ainda hoje, como nos primeiros dias do mundo, o desterro, o anathema, a dôr e a morte, á monotona paz da ignorancia, da escravidão... ou da felicidade até!...

Entreguei o album a Carminho, á hora do almoço. Ella pareceu-me contrariada e triste, por ter que deixar Cintra antes da tarde; uma carta de sua irmã lhe pedia muito que voltasse a Lisboa; estava doente e só tinha esperanças em vêl-a. Carminho confessou-me que era para ella o mais atroz dos sacrificios apartar-se de repente das séstas nos Pisões e das tardes no Castanheiro, mas que ainda que suppunha que sua irmã teria apenas um defluxo, desejava ir melhoral-a, abraçando-a.

Um d'aquelles garotos que acompanhavam as burricadas á Peninha, para ir buscar cruzinhas de pedra ou fazerem um *bouquet* de flôres silvestres, que nascem por alli ao acaso nos vallados, appareceu á porta de barrete na mão, a dirigir a classica pergunta:

—A senhora não quer levar um ramo de camelias?

—Não, respondeu Carminho.

—São ainda tão bonitas! Todas raiadas! continuou o rapaz.

—Não! Não quero! insistiu ella.

—Raiada, achei uma ainda agora e linda! disse eu.

Carminho não disse nada. Olhei-a, pareceu-me fazer-se córada; continuei:

—Permitte-me V. Ex.ª offerecer-lh'a? Ella está ainda viçosa, apesar de haver sido apanhada hontem.

—Entendi dizer-me que a achára ainda agora?

—Sim. Cahiu-me aos pés, escapando das mãos de alguem n'uma d'estas janellas; todavia, foi colhida hontem em Monserrate, ao que me disseram.

—E' talvez d'essas meninas inglezas que cá estão? responden ella, fazendo-se mais vermelha ainda.

—Provavelmente, disse eu.

Duas horas depois, os noivos partiam, e Carminho levava como recordação de Cintra... aquella camelia.

A irmã de Carminho era uma menina alta e delgada, que parecia não ter mais de dezeseis annos, e tinha vinte. Elegante, cheia de gentileza e de graça, era de uma tão distinta finura de fórmas que faria cuidar que ia quebrar-se toda, quando mudava de attitude!

Havia uma mistura sublime de inquietações e de resignação na sua physionomia melancolica. Era dotada de uma sensibilidade extrema, mas que em raras occasiões se revelava. Só grandes dôres podiam abater aquella gentil fronte inspirada!

Não era d'estas creaturas cheias de bondade, e todas coração,—como se usa chamar-lhes,—que são boas para todos, sem distincção nem na intensidade do favor, nem na fórma de o fazer, nem na facilidade de o concederem. Tinha as suas pessoas predilectas para quem era toda delicadeza; para as demais, sem as offender com desdens. Affastava-as pela indifferença. Não era amiga de conversar, senão com os que lhe mereciam estima.

(*Continua.*)

JULIO CESAR MACHADO.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A M. F.

3.ª edição . . . 100 reis

ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscripto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho--- Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão-2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemeto offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

—

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
—semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . .	10 reis
Communicados, cada linha . .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

3.º ANNO—N.º 41

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.